



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 14 N. 01 2018

Literatura

## **Sinestesia e consubstancialidade entre o poema “IV Discurso do Capibaribe”, de João Cabral de Melo Neto, e o estudo de Jean-Luc Nancy sobre o peso de um pensamento**

Beatriz Alves de Abreu Mancuso Brotto

**Resumo:** O artigo submete a análise do poema “IV Discurso do Capibaribe”, de João Cabral de Melo Neto, ao ponto de vista sinestésico, imbuído de sensação capaz de alumiar a ideia de substancialidade. Ao reiterar o termo *espesso* em seus versos, Cabral de Melo aproxima-se do que diz Jean-Luc Nancy sobre ser o toque o sentido do próprio significado. Para o filósofo, o senso é toque, e o toque torna-se significado, funde peso e pensamento, ora os relacionando, ora exercendo tensão um sobre o outro. A densidade será refletida como capaz de erguer um corpo à condição humana e à de natureza, portanto, é capaz de trazer forma ao pensamento e à sensibilidade. Assim, o operante responsável pelos cinco sentidos será a consistência do tato na linguagem poética do “IV Discurso do Capibaribe”.

**Palavras-chave:** Sinestesia; substancialidade; poesia; pensamento.

**Abstract:** This article takes into consideration the Joao Cabral de Melo Neto's poem “IV Discurso do Capibaribe” in terms of synesthetic, what gives the sensation of being able of acknowledge the idea of substantiality. When the poem brings over and the term "dense" in many of its verses, the author, Cabral de Melo, get close to what Jean-Luc Nancy tells about the "touch". To Him, touch is, itself, meaning. Therefore, for the philosopher, sense is touch and touch becomes meaning; weight and thought incorporate each other, sometimes linking one another and sometimes pushing one another. The density will be reflected as the one which is able to build a body for the human existence and for nature, thus, the density is able to bring about a sharp thought and a sharp sensibility. In view of that, the one response for the five senses will be the consequence of that touch what is present in the poetic language of the poem “IV Discurso do Capibaribe”.

**Keywords:** Synesthesia; substantiality; poetry; thought.

“Viver é ir entre o que vive”.  
João Cabral de Melo Neto

Do sentido destaca-se as sensações; às sensações liga-se a sensibilidade e, à última, um pensamento. Ambos fundem-se em direção da criação de um corpo para a estesia. Corpo esse, analisado, como a espessura presente no “IV Discurso do Capibaribe”<sup>1</sup> (MELO NETO,

---

<sup>1</sup> O “IV Discurso do Capibaribe” faz parte do poema *Cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto. Para melhor situar o leitor, quando as estrofes forem citadas diretamente, serão identificadas por DC (Discurso do Capibaribe) e a respectiva estrofe em ordem ordinal.

1979, p. 105), que dá forma à percepção por meio do tato que funde toque e senso: o significado em existência do espesso. Como reflete Jean-Luc Nancy «*En un sens, mais quel sens, le sens est le toucher*», e ainda (NANCY, 1996, p. 62):

*L'être-ici, côte à côte, de tous les êtres-là (êtres jetés, envoyés, abandonnés au là). Sens, matière se formant, forme se faisant ferme : exactement l'écartement d'un tact. Avec le sens, il faut avoir le tact de ne pas trop y toucher. Avoir le sens ou le tact: la même chose.*

O poema é analisado por sua capacidade em gerir os cinco sentidos, dimensionando-os ao/no pensamento.

Aquele rio  
está na memória  
como um cão vivo  
dentro de uma sala.  
Como um cão vivo  
dentro de um bolso.  
Como um cão vivo  
debaixo dos lençóis,  
debaixo da camisa,  
da pele.  
(DC, 1ª estrofe)

Lauro Escorel, em seu livro *A Pedra e o Rio. Uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto* (2001), fala sobre a construção do poeta a partir de um relacionamento de grande objetividade com o espaço exterior. Tal relação é encontrada já na primeira estrofe ao equiparar a memória sobre o rio com um cão vivo dentro do bolso, debaixo dos lençóis, da camisa e da pele. Traz o exterior do rio à objetividade em seu memorar. “Estabelece-se, desse modo, um processo de revelação em que, de um lado, o poeta designa os objetos, e, de outro, estes últimos o designam com proporcional expressividade” (ESCOREL, 2001, p. 52).

Um cão, porque vive,  
é agudo.  
O que vive  
não entorpece.  
O que vive fere.  
O homem,  
porque vive,  
choca com o que vive.  
Viver  
é ir entre o que vive.  
(DC, 2ª estrofe)

A agudez da vida do cão começa a perfazer o tato, como é notado na assertiva sobre o não entorpecimento do que vive e da consequência no transitar do ser humano entre o vivo. O significado do viver prepondera-se em interação nos versos carregados de severidade real

“Viver/ é ir entre o que vive”; constroem o dinamismo para a afirmação sobre o “O que vive/ não entorpece” e “O que vive fere”. Ir entre o que vive é vigor, mas também golpe; experiência quase física do pensamento, quando não inteiramente.

Escorel fala de imagens lavadas pelo consciente do poeta e busca (esse consciente) destituir qualquer laivo humano possibilitado a revelar sua intimidade enclausurada e inatingível; equipara-se, portanto, ao tato de Nancy, que norteia e constrói uma realidade. Dá peso ao pensamento, criando-o em sentido; em sentido sobre si, voz e escuta; existe entre o que vive, uma vez que se movimenta: “Viver/ é ir entre o que vive”.

A reflexão sobre o peso do/no pensar foi outro estudo de Nancy em que estabelece algum senso sobre o pesar e que, no poema, é tratado como a ausência de torpor, concomitantemente, como as feridas de quem, e sobre quem, é vivo.

O filósofo estabelece proximidade entre as palavras latinas “pensar” e “pesar” que, em Cabral, pode ser tomada como a agudez: “um cão, porque vive,/ é agudo”. De acordo com Nancy (2008, p. 9):

*La pensée pèse exactement le poids du sens. C’est le poids d’une extrémité appuyée avec une force irrésistible au lieu d’un possible jaillissement de sens (c’est-à-dire en tout lieu), y produisant à la fois éclatement et tassement, concentration et explosion, douleur et joie, sens et absentement du sens.*

O pensamento pesa o peso do senso, do significado, portanto, mostra o que é vivo pelo campo do sentir; tal a memória sobre o rio, viva e sentida, como um cão, vivo, na pele. Escorel (2001, p. 52) reitera:

Cabral de Melo sofria a emoção nostálgica ao ponto extremo de estrangular qualquer indiscrição afetiva que o revele. Seu processo é antitético ao do fotógrafo: a memória do poeta parte de imagens por demais claras, contundentes e obsessivas, e ele as transforma em negativos, reduzindo-as a formas objetivas abstratas, neutralizadas pela química poética.

Tanto as formas objetivas abstratas quanto a busca por elas dialogam com os eventos de concentração e explosão, dor e alegria, tratados por Nancy como a ausência de um sentido que se faz significado por meio do seu próprio senso, quando se reverbera no que é vivo (tato, olfato, visão, paladar e audição).

O que vive  
incomoda de vida  
o silêncio, o sono, o corpo  
que sonhou cortar-se  
roupas de nuvens.  
O que vive choca,  
tem dentes, arestas, é espesso.  
O que vive é espesso  
como um cão, um homem,

como aquele rio.  
(DC, 3ª estrofe)

O incomodar de vida é visto como o possível toque (*le toucher*) que influi sobre o silêncio, o sono e um corpo que se queria vestido por roupas de nuvens, pela leveza. A pesagem da nuvem tange o etéreo e não condiz com a condição dentada e espessa. Portanto, o que vive pesa e imbuí arestas entre ele e o outro por meio da sinestesia.

Como todo o real  
é espesso.  
Aquele rio  
é espesso e real.  
Como uma maçã  
é espessa.  
Como um cachorro  
é mais espesso do que uma maçã.  
Como é mais espesso  
o sangue do cachorro  
do que o próprio cachorro.  
Como é mais espesso  
um homem  
do que o sangue de um cachorro.  
Como é muito mais espesso  
o sangue de um homem  
do que o sonho de um homem.  
(DC, 4ª estrofe)

A realidade torna-se a estesia: “Como todo o real/ é espesso/ Aquele rio/ é espesso e real”, e, então, o rio é memorado à medida de sua pesagem. A maçã, o cachorro e seu sangue, o homem, seu sonho e seu sangue condizem com o experimento da linguagem em criar a ideia de espessura, alumiá-la.

Ao tornar crescentes as comparações “tais como a do sangue do cachorro mais espesso do que o próprio cachorro e assim por diante”, o poeta cria o tato sem necessariamente findar-se em toque, mas estendê-lo ao senso. Dilata o pensamento, dando-lhe contorno em vastidão e em certa volatilidade.

Os versos (“Como é muito mais espesso/ o sangue de um homem/ do que o sonho de um homem”) trazem o peso necessário para efetuar o sinestésico do poema. Como o barro ao ganhar jeito e forma nas mãos do escultor, assim é a cadência nessa estrofe, timbrada pela carne, fruto, sangue e sonho.

Espesso  
como uma maçã é espessa.  
Como uma maçã  
é muito mais espessa  
se um homem a come

do que se um homem a vê.  
Como é ainda mais espessa  
se a fome a come.  
Como é ainda muito mais espessa  
se não a pode comer  
a fome que a vê.  
(DC, 5ª estrofe)

A corporeidade da maçã condiz com a fome por ela, bem como o ato de comê-la. É mais espessa porquanto mais próxima está das sensações de quem a olha e/ou come. Mas, ainda, a fome pela maçã ganha maior presença do que a que existe no ato de comê-la, e é menor do que a fome que não poderá comê-la.

O jogo de linguagem cria vilosidades (aumenta a superfície de contato) para unir a estesia ao pensamento, tornado o último a primeira e, a primeira, o último. Condiz, portanto, nota à indagação do filósofo (NANCY, 2008, p. 10):

*Qui donc aurait pesé, dans quels plateaux, d'un côté la «matérialité» de la pesée, de l'autre l'«immatérialité» de la pensée? À quelle unité de poids, à quelle loi de pesanteur aurait-on rapporté telle opération?*

A materialidade e a imaterialidade, em lados contrários da balança, são refletidas como a maçã, a fome por ela, e a fome que não a poderá comer; portanto, os pratos em lados direito e esquerdo fundem-se corporalmente e existem e ferem por suas dimensões.

A operação citada pelo filósofo vincula-se às comparações feitas e dimensionadas entre corporeidade e condição no poema, assim, “*la matérialité*” e “*l'immatérialité*” trabalham juntas para sustentar o tom da tensão dos contrários, irrompendo peso ao pensar (e pensar o peso).

Aquele rio  
é espesso  
como o real mais espesso.  
Espesso  
por sua paisagem espessa,  
onde a fome  
estende seus batalhões de secretas  
e íntimas formigas.  
(DC, 6ª estrofe)

Os batalhões de secretas e íntimas formigas são dados como o puro ato de pensar, o puro ato de encontrar o que se pensa; aqui, portanto, o tato é erguido na linguagem que, agora, toca quem pensa em dizer da fome. Quem se depara com a fome não pensa nela propriamente, antes, pesa-a, pesa e a sente como um batalhão de formigas que invadem o íntimo, faminto. Invadem secreta e silenciosamente, mas, no entanto, ainda assim ferozmente porque real: “Aquele rio/ é espesso”.

O poeta toca o assunto da fome e da pobreza e os assimila em seu corpo, em seu próprio corpo humano; a fome marcha no terreno do não entorpecimento. Nesse instante, o físico une-se ao mundo à sua volta em plena realidade e objetividade. Traz a gravidade do fato social. Dessa fase da poesia de Cabral, escreve o crítico literário (ESCOREL, 2001, p. 46):

[...] foi no fundo da sua própria consciência que o poeta foi extrair a imagem trágica do Nordeste pernambucano “não o Nordeste de sua infância, a zona da Mata, mas o Nordeste do Sertão” realidade humana e social que tocou as suas mais íntimas raízes, transmitindo-lhes uma carga emocional semelhante à que recebeu Picasso, por exemplo, ao tomar conhecimento do arrasamento de Guernica.

Escorel (2001, p. 47) afirma ainda: “A partir, portanto, de *O cão sem plumas*, a meu ver, é de todo interesse crítico analisar a obra de Cabral de Melo sob um duplo registro: o registro sociológico e o registro psicológico”.

E espesso  
por sua fábula espessa;  
pelo fluir  
de suas geléias de terra;  
ao parir  
suas ilhas negras de terra.

Porque é muito mais espessa  
a vida que se desdobra  
em mais vida,  
como uma fruta  
é mais espessa  
que sua flor;  
como a árvore  
é mais espessa  
que sua semente;  
como a flor  
é mais espessa  
que sua árvore,  
etc. etc.  
(DC, 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> estrofes)

Pensar o Capibaribe é pesá-lo em natureza, uma vez que é rio (natural) o que lhe chega à memória.

Terra, flor, fruta, semente, árvore compõem o cenário para um discurso material e real, acentuando o lugar a sua voz. O pensamento pesa a materialidade das matérias-primas e as funde aos assuntos humanos, ao dizer, por exemplo, “ao parir/ suas ilhas negras de terra”. O que contribui, também, para a ideia de densidade.

Escreve o filósofo (NANCY, 2008, p. 10):

*Ce n'est pas que la co-appropriation intime de la pensée et de la pesée soit une simple figure du discours, ou la rêverie d'un matérialisme vaguement alchimique. Au contraire, cette appropriation est certaine et absolue. L'acte de la pensée est une pesée effective : la pesée même du monde, des choses, du réel en tant que sens.*

Tal escrito liga-se, em demasia, com o erguido nesse poema. A apropriação da paisagem pelo pensamento, e este por essa, resulta no absoluto ao dizer que o rio é real e que ele está na memória como um cão vivo. É trazê-lo ao discernimento em termos de pura realidade e, para melhor assimilá-la, dá-se a união entre o peso do mundo exterior e o peso do pensamento no ser do humano que o sente. Ser humano e natureza, no “IV Discurso do Capibaribe”, estão em unicidade, ora sendo pesado um pelo outro, ora o outro por aquele um. Isso é notado nas figuras da maçã, do cão, do homem, do sangue, do sonho etc. João Cabral de Melo Neto encontra ser e mundo no renovo de coisa real, como o fluir do rio, em que dia a dia, às águas sustém. O basto em sua memória consiste na densidade do mover-rio, executa substancialidade.

    Espesso,  
    porque é mais espessa  
    a vida que se luta  
    cada dia,  
    o dia que se adquire  
    cada dia  
    (como uma ave  
    que vai cada segundo  
    conquistando seu vôo).  
    (DC, 9ª estrofe)

A luta diária adere-se à paisagem e sobre substância tem-se a cada dia. A leveza no voo do pássaro vincula-se à sinestesia quando ela alumia o vasto ao peso do pensamento. Pela corporeidade, o ser no humano institui-se em solo, vai entre o que vive, fere e é ferido, contudo, consegue-se contado, também, pelo estésico, pela espessura que se faz apreendida.

Esse poema expõe um cenário e o transpõe para o corpo do leitor. Por meio da ideia do sangue de cão, de vida, de homem, ele aguça os ouvidos de quem o lê, também pelo ritmo na repetição da palavra “espesso”, a ponto de levantar um corpo do sono.

A escrita sobre a espessura de um rio espesso, que não é estanque, rompe o silêncio, traz o som da urgência da vida que se desenrola em mais vida. Poder-se-ia dizer do poema que ele se executa em cinco dimensões no momento em que é executado pelas dimensões do entorno.

Os termos são postos em imagens propulsoras de senso. No mundo elas possuem o papel de dar significados e atribuições. Ao estabelecê-las na linguagem poética, elas se transfiguram, de substantivos, impulsionam o movimento e dão a ideia do fluir de um rio pelo próprio fator de desenvolvimento trabalhado em seus versos. Não mais servem como alvo

para possíveis adjetivos, mas para a pesagem sobre tudo o que condiz à existência em verbo *ser*. Ganham figura de ave que conquista o voo pela pura capacidade de voar.

O acesso ao pensamento dar-se-ia na e em sua imaterialidade, tornada material pela substancialidade. O imaterial, agora, torna-se denso e, portanto, assimilável pelo corpo que sente, pesa, pensa.

Portanto, dia que se adquire cada dia, desenvolve-se em consubstancialidade ao meio, tal como o passo que dá material às pegadas, assim é o rastro, a espessura, que escreve brevidade à vida.

Na obra *O cão sem plumas*, Escorel (2001, p. 46) atenta para o realismo social, tocado de fora pela consciência do drama nordestino. Embora externo, o toque resgata a realidade, sobremaneira, sensível:

[...] foi precisamente todo aquele processo de ascese e disciplina, foi o seu jejum no deserto que aguçou a sua atenção, extremou a sua sensibilidade e lhe proporcionou a visão em profundidade para chegar a ver, no nordestino do sertão, o próprio “aço do osso”.

Por disciplina, tem-se a pesagem e por jejum, no deserto, a estesia operada pelo pensar. Para conseguir o voo, a ave necessita não só do instinto, mas também de condições favoráveis. Conclui-se, então, que a compreensão sobre o que viria a ser o discurso de um rio pernambucano vincula-se ao encontro entre significados, sentidos e pensamento, ambos no ofício contundente em busca, na linguagem, da vida que se desenrole em mais vida e traga o vasto ao discernimento: “como uma ave/ que vai cada segundo/ conquistando seu voo”.

## **Referências**

ESCOREL, Lauro. *A pedra e o rio*. Uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Letras, 2001.

NANCY, Jean-Luc. *Être singulier pluriel*. Paris: Galilée, 1996.

NANCY, Jean-Luc. *Le poids d'une pensée*. Strasbourg: Éditions de La Phocide, 2008. [Collection Philosophie d'autre-part].

MELO NETO, João Cabral de. *O Cão sem Plumás*. In: MELO NETO, J. C. de. *Poesias Completas (1940-1965)*. 3. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.